



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE- UERN  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO- PROEG  
CAMPUS AVANÇADO DE PATU- CAP  
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS- DLV  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E  
RESPECTIVAS LITERATURAS**

**MARIA RITA RODRIGUES DO CARMO**

**A RELAÇÃO POEMA E COLAGEM ANALÓGICA NA SALA DE AULA DO 9º  
ANO: UMA PROPOSTA NORTEADORA PARA A PRÁTICA DOCENTE**

**PATU-RN**

**2022**

MARIA RITA RODRIGUES DO CARMO

**A RELAÇÃO POEMA E COLAGEM ANALÓGICA NA SALA DE AULA DO 9º  
ANO: UMA PROPOSTA NORTEADORA PARA A PRÁTICA DOCENTE**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado de Patu (CAP) como requisito obrigatório para obtenção da graduação em Letras Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

**Orientadora** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Annie Tarsis Morais Figueiredo

**PATU-RN**

**2022**

Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.6J 0/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catlogação da Publicação na Fonte.  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

C287r Carmo, Maria Rita Rodrigues do

A relação poema e colagem analógica na sala de aula do 9 ano: Uma proposta norteadora para prática docente. / Maria Rita Rodrigues do Carmo. - Patu-RN, 2022.

60p.

Orientador(a): Profa. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Poema na sala de aula. 2. Colagens analógicas. 3. Interpretação criativa. 4. Ensino de literatura. I. Figueiredo, Annie Tarsis Morais. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

MARIA RITA RODRIGUES DO CARMO

**A RELAÇÃO POEMA E COLAGEM ANALÓGICA NA SALA DE AULA DO 9º  
ANO: UMA PROPOSTA NORTEADORA PARA A PRÁTICA DOCENTE**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado de Patu (CAP) como requisito obrigatório para obtenção da graduação em Letras Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Aprovada em: 27/09/2022

Banca examinadora

*Annie Tarsis Morais Figueiredo*

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Annie Tarsis Morais Figueiredo  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN

*Antonia Sueli S.*

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Antônia Sueli da Silva Gomes Temóteo  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN

*Keila Lairiny Câmara Xavier*

---

Prof<sup>a</sup>. M<sup>a</sup>. Keila Lairiny Câmara Xavier  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço, primeiramente, ao Sagrado que me ilumina e ao povo que me guia por sustentar minha vida e minhas escolhas todos esses anos e não me permitir desistir. Em seguida aos meus pais (Nalda e Carlucio) por serem meu porto seguro, suporte e fonte de inspiração, agradeço por abdicarem de muitas coisas para me proporcionar tudo de melhor, vocês são e sempre serão meu alicerce e minha força, agradeço também aos meus familiares e amigos que de alguma forma me ajudaram a continuar.

Agradeço aos meus colegas de turma, em especial a Isabele Rodrigues e Lívia Rayane que estiveram comigo em todos os momentos e me incentivaram a conseguir realizar as minhas metas, a minha prima Lívia dedico grande parte das minhas conquistas por ser a âncora que me estabilizou. Deixo meus agradecimentos ao meu namorado, pela parceria e companheirismo durante o período da escrita.

Dedico meus agradecimentos aos professores que fizeram parte da graduação, em especial a minha orientadora Annie Tarsis, por todo apoio, encorajamento, dedicação e contribuição a essa pesquisa. As professoras Antônia Sueli e Keila Lairiny por aceitarem fazer parte desta banca, podendo assim contribuir para a realização deste trabalho.

“Quando as aves falam com as pedras e as rãs com as águas - é de poesia que estão falando.”

*Manoel de Barros*

## RESUMO

O uso de poemas em sala de aula como material de análise e estímulo criativo não é habitual nas escolas do país sendo feito, somente, uma leitura superficial dos textos sem adentrar as camadas de significação e um estudo da sua forma estrutural. É necessário que sejam desenvolvidas mais pesquisas que discutam essa temática e apresentem possibilidades metodológicas para os professores da Educação Básica. Diante dessa necessidade, este trabalho tem por objetivo central estudar uma alternativa que incentive e desenvolva o cultivo de leitores na escola, a fim de compreender o ensino de literatura a partir do diálogo entre expressões artísticas e dialogar sobre o uso de poemas e colagens analógicas como alternativa de ensinar literatura e também como um meio de incentivar a criatividade e interpretação, além de expor os benefícios de instigar os alunos a não buscarem a leitura de poemas apenas para fins educacionais. Para tal feito, realizou-se uma pesquisa de metodologia científica e qualitativa de base explicativa, usando de aparato teórico as pesquisas de Hélder Pinheiro (2018), Annie Rouxel (2012), Sara Ipiranga (2019), Maryanne Wolf (2019), Michèle Petit (2013) e breves noções do letramento literário e os paradigmas do ensino literário de Rildo Cosson (2021). Levando em consideração esse cenário, essa pesquisa traz alguns dos resultados voltados para a exposição de possibilidades de criação e análise dos poemas de Manoel de Barros por meio de colagens analógicas, sendo eles: *O apanhador de desperdícios*, *Prefácio* e *Os deslimites da palavra*. As colagens analógicas são um importante recurso metodológico e por meio delas é possível a realização de diferentes interpretações. Dialogamos, também, sobre novas alternativas de desenvolvimento de leituras e traduções poéticas por meio de colagens analógicas nas escolas e a maneira como a BNCC atua no desenvolvimento de habilidades e competências. Dessa forma, esse trabalho possibilita a contribuição para novas pesquisas a respeito do uso de poemas em sala de aula.

**Palavras-chave:** Poema na sala de aula; Colagens analógicas; Interpretação criativa; Ensino de literatura.

## ABSTRACT

The use of poems in the classroom as a teaching tool for analysis and creative stimulus is unusual at schools in our country, only a study in a structural way and a superficial reading of these texts are made without entering real layers of meaning. From that, it is necessary that more research must be developed that discuss this theme and present methodological possibilities for the teachers. Therefore, this work aims to study an alternative that encourages and develops the cultivation of reading practices at school, in order to understand the teaching of literature from the dialogue between artistic expressions and study about the use of poems and analog collages as an alternative to teaching literature and also as a means of encouraging the creativity and interpretation, and also to exposing the benefits of encouraging students not to seek to read poems only for educational purposes. For this purpose, an explanatory qualitative scientific methodology research was carried out, based on a theoretical apparatus from research of Hélder Pinheiro (2018), Annie Rouxel (2012), Sara Ipiranga (2019), Maryanne Wolf (2019), Michèle Petit (2013) and brief notions of literary literacy and the paradigms of literary teaching by Rildo Cosson (2021). This search brings some results focused on exposing the possibilities of creation and analysis of the poems of Manoel de Barros, named: The harvester of waste, Preface and un-limit of the word. We also talked here about new alternatives for developing poetic readings and translations through analog collages in schools and the way the common basic curriculum - BNCC works in the development of skills and competences. Therefore, this work makes possible the contribution to new research on the use of poems in the classroom.

**Keywords:** Poems in classroom; Analog collages; Creative interpretation; Cursive reading; Subjective expression.



## Lista de Colagens Analógicas

<b>Colagem analógica 1: <i>O apanhador de desperdícios</i>.....</b>	<b>44</b>
<b>Colagem analógica 2: <i>Prefácio</i>.....</b>	<b>46</b>
<b>Colagem analógica 3: <i>Os deslimites da palavra</i>.....</b>	<b>48</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 A BNCC E OS PARADIGMAS DO ENSINO DE LITERATURA NAS AULAS DO 9º ANO.....</b>	<b>14</b>
2.1 A BNCC no ensino de literatura do 9º ano (Ensino Fundamental- Anos Finais) .....	16
2.2 O déficit metodológico e os problemas do ensino formalista e simplificado de literatura.....	22
<b>3 POESIA E COLAGENS ANALÓGICAS: LEITORES CRÍTICOS E CRIATIVOS ATRAVÉS DA LEITURA DE POEMAS.....</b>	<b>30</b>
3.1 A poesia na sala de aula: do silenciamento a vazão de subjetividade .....	30
3.2 Onde está a minha voz?: o poema enquanto condutor da subjetividade.....	36
3.3 Colagens analógicas e a inclusão do olhar criativo.....	40
3.4 Os poemas de Manoel de Barros e suas possibilidades criativas: traduções poéticas por meio de colagens analógicas.....	41
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>5 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>54</b>
Anexo 1: Colagem realizada em oficina de leitura de poemas.....	55
Anexo 2: Colagem realizada em oficina de leitura de poemas.....	56
Anexo 3: Colagem realizada em oficina de leitura de poemas.....	57
Anexo 4: Colagem realizada em oficina de leitura de poemas.....	58
Anexo 5: Colagem realizada em oficina de leitura de poemas.....	59
Anexo 6: Colagem realizada em oficina de leitura de poemas.....	60
Anexo 7: Colagem realizada em oficina de leitura de poemas.....	61
Anexo 8: Colagem analógica realizada na disciplina de Literatura Portuguesa III.....	62
Anexo 9: Colagem analógica realizada na disciplina de Literatura Portuguesa II.....	63

## 1 INTRODUÇÃO

Partimos da ideia de que as colagens analógicas são capazes de evidenciar a imagética e a singularidade presente em cada olhar interpretativo e a possibilidade de promover práticas de ensino inovadoras, que incluam diferentes campos de atuação e abordagem, permitindo que algumas competências da BNCC sejam atingidas. Diante disso, o interesse em estudar a relação poema e colagens analógicas surge a partir da necessidade de incluir a visão subjetiva do aluno nas aulas de literatura, assim como a possibilidade de aprimoramento das metodologias didáticas.

Assim, a importância de estudar a referida temática parte da compreensão de que o ensino de literatura nas escolas está atrelado a uma metodologia que ainda carece de atenção, pois a maneira como são realizadas as aulas, a respeito dos poemas, não contempla as diferentes significações e as metáforas que, muitas vezes, se encontram na escrita poética. Além disso, há por parte dos discentes e docentes uma certa dificuldade em compreender a plurissignificação das obras e receio em discutir poemas com linguagem conotativa. Por isso, esta pesquisa torna-se relevante, pois articula sobre um caminho possível para o abordar o ensino de poesia em sala de aula, discutindo, também, sobre os déficits nas estratégias metodológicas presentes na BNCC apresentando uma temática pouco analisada.

De acordo com isso, fazer uso de outras alternativas de ensino transforma o tratamento dado ao poema em um ambiente de aprendizado mais amplo e também em um espaço artístico no qual o estudante pode ter acesso ao seu interior criativo muitas vezes esquecido, pois é através da criatividade, o conhecimento e a criticidade também são acessados. Assim, o uso de poemas e a necessidade de aprender a lê-los, além de contemplar outros modos de acesso aos sentidos das palavras e de interpretação, evidencia a voz do aprendiz e muda a perspectiva de compreensão sobre o que é deixando de lado o “certo” ou “errado”, “útil” ou “inútil” já enraizado no ensino de literatura, dessa maneira não se foca apenas no aprendizado de cariz neoliberal.

Nesta pesquisa iremos analisar os déficits decorrentes do pouco estímulo criativo desenvolvido nas escolas e a instauração de uma estrutura formal de análise crítica que promove a implementação de uma demanda tecnicista que despreza a subjetividade e criatividade, pois visa apenas a gerar mão de obra para

a sociedade. Para isso usamos as teorias de Hélder Pinheiro (2018) presentes no livro *Poesia na sala de aula*, no qual o autor apresenta possibilidades para levar a poesia para sala de aula e comenta sobre redução da liberdade interpretativa dos alunos e a diminuição dos materiais didáticos que trabalham o desenvolvimento das habilidades subjetivas. Foram discutidos os preceitos presentes nas teorias de Annie Rouxel (2012), em que a autora discute sobre a importância de valorizar as leituras dos estudantes e critica a permanência das instituições na valorização das leituras analíticas, por sua vez, e Michèle Petit (2013), que discute sobre a ideia limitada de que é possível construir leitores.

Sendo assim, a perspectiva do nosso trabalho valoriza o cultivo de nossas experiências, e o que o aluno/leitor traz dentro de si a partir das suas experiências de vida e tem como objetivo apresentar uma outra didática para aulas de literatura do 9º ano (Ens.Fundamental- Anos Finais) uma vez que seja possível incluir o poema e a leitura cursiva como fundamentais no processo de ensino, usamos essa série como exemplo e recorte para tornar a pesquisa mais didática. Para isso, propõe-se o uso de colagens analógicas como ferramenta interpretativa e de expressão artística, pois valoriza o particular e dá enfoque para a liberdade criativa e inclusão de maneiras plurais de produção, já que, apesar de fundamental no desenvolvimento cognitivo, a liberdade artística é pouco aprofundada nas aulas.

A arte contemporânea está em constante processo de mudança e integra expressões artísticas que, por muito tempo, estiveram esquecidas, como as colagens analógicas (obras de arte desenvolvidas através de recortes de jornais ou revistas) em que o artista busca expressar sua visão sobre algo ou simplesmente seus sentimentos momentâneos. Por meio das colagens, é possível que o aluno realize traduções multissemióticas, que incluem as linguagens verbais e não verbais presentes no poema, tornando exequível a compreensão da linguagem metafórica de alguns poemas. As colagens analógicas vêm desenvolvendo nos últimos anos um importante papel no meio artístico e terapêutico, incluindo diferentes maneiras de se fazer arte e abrir espaço para as expressões mais íntimas no processo de criação das leituras artísticas que são tradução dos sentidos encontrados no poema lido. Incluir essa expressão artística no ensino de literatura como suporte interpretativo enriquece a abordagem do ensino e cativa o aluno a participar das aulas, pois inclui as experiências e vivências dos discentes no processo de criação das colagens.

Nossa pesquisa tem como objetivo central analisar alternativas que incentivam e desenvolvem o cultivo de leitores nas escolas e apresenta a necessidade de colocar em prática uma possibilidade de tratamento do poema em sala de aula, para incentivar outros recursos no ensino de literatura, que sejam ainda mais eficientes no aperfeiçoamento de indivíduos cientes da necessidade de compreender o seu meio social e a importância de pensar crítico e sensivelmente sobre as questões que pairam no universo. Para isso foi necessário compreender o ensino de literatura a partir da expressão artística, a fim de relatar sobre o uso de poemas e colagens analógicas como fonte de estudos em aulas e propor uma alternativa de ensinar literatura fazendo uso de poemas e colagens analógicas como meio de incentivar a criatividade e interpretação para que seja possível expor os benefícios de instigar os alunos a não buscarem a leitura de poemas apenas para fins educacionais.

Dessa maneira, o presente trabalho é de caráter descritivo, uma vez que se caracteriza pela descrição de uma proposta metodológica do ensino de literatura nas escolas. É também de cunho explicativo, pois se preocupa em explicar como o uso de poemas e colagens analógicas pode ajudar no desenvolvimento sensível e crítico dos alunos. Nosso *corpus* de pesquisa são três dos poemas de Manoel de Barros, sendo eles: *O apanhador de desperdícios*, *Prefácio* e *Os deslimites da palavra*. Esses poemas são usados para exemplificação prática da discussão teórica realizada e como meio de analisar a maneira como os discentes desenvolvem as colagens analógicas em sala e de que forma os alunos veem as temáticas presentes nas obras. Analisamos o ensino de literatura e apresentamos uma forma diferente de metodologia para ser aplicada nas aulas da disciplina, enfatizando a interpretação subjetiva e o contato com a arte, enquanto forma de expressar sentimentos.

Por fim, esta pesquisa se divide em 4 capítulos, juntamente com seus subtópicos, e é formada por introdução; na qual abordaremos o tema da pesquisa e a delimitação do *corpus*; no capítulo 2 A BNCC E OS PARADIGMAS DO ENSINO DE LITERATURA NAS AULAS DO 9º ANO, apresentaremos as noções da BNCC e sua atuação nas escolas, bem como os paradigmas que envolvem o ensino de literatura; e no capítulo 3 POESIA E COLAGENS ANALÓGICAS: LEITORES CRÍTICOS E CRIATIVOS ATRAVÉS DA LEITURA DE POEMAS , discutiremos

sobre a importância de levar os poemas e as colagens analógicas para sala de aula e dialogar sobre a carência de materiais para o estudo da temática.

## **2 A BNCC E OS PARADIGMAS DO ENSINO DE LITERATURA NAS AULAS DO 9º ANO**

Neste capítulo trabalhamos com as noções da Base Nacional Comum Curricular-BNCC e a maneira como ela atua na apresentação de competências para o desenvolvimento das aulas de literatura na Educação Básica. A respeito da BNCC, é importante comentar sobre o seu papel na educação do país e a maneira como ela atua modelando a grade de abordagem do ensino. Para melhor compreender sua atuação, é preciso apresentar sua trajetória e a maneira como ela modificou o ensino no Brasil. Portanto, será exposto aqui uma breve contextualização sobre a BNCC.

Nesse sentido, a BNCC é um documento oficial da educação brasileira que são apresentadas as principais noções de aprendizagem e propostas pedagógicas que devem ser trabalhadas nos Anos iniciais e Anos finais do <sup>1</sup>Ensino Fundamental e Ensino Médio. Além disso, a BNCC procura garantir uma educação igualitária, focando em padronizar o ensino em todas as instâncias e instituições educacionais. A BNCC começou a ser desenvolvida em 2015, e somente em 2017 o documento foi concluído que estipula as competências para o Ensino Fundamental- Anos iniciais e finais e até 2020 o Ensino Médio ainda não tinha um documento oficializado e institucionalizado.

Com isso, nota-se que a BNCC não se preocupa em apresentar soluções mais inclusivas e práticas para os desafios do ensino no Brasil, mas em ditar as normas e competências a serem seguidas sem levar em conta as particularidades das instituições. Embora haja flexibilização, ela apresenta padrões a serem seguidos sem notar a realidade educacional de cada escola, em cada localidade. Por isso, preocupamos em expor as práticas de leitura definidas para o ensino de literatura no 9º ano (Ensino Fundamental- Anos Finais) e como o tratamento dado no documento afeta os jovens estudantes do país tendo em vista a adesão à leitura literária.

---

<sup>1</sup> A BNCC do Ensino Fundamental- Anos iniciais valoriza as situações lúdicas de aprendizagem e aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil. No Ensino Fundamental – Anos Finais, os estudantes se deparam com desafios de maior complexidade, sobretudo devido à necessidade de se apropriarem das diferentes lógicas de organização dos conhecimentos relacionados às áreas. Tendo em vista essa maior especialização, é importante, nos vários componentes curriculares, retomar e ressignificar as aprendizagens do Ensino Fundamental – Anos Iniciais no contexto das diferentes áreas, visando ao aprofundamento e à ampliação de repertórios dos estudantes. (BRASIL, 2018 p.59 e 62)

Nota-se que o ensino de literatura e o incentivo à leitura ainda é limitado e requer atenção e cuidado por parte das políticas públicas educacionais, tendo em vista o avanço da educação <sup>2</sup>neoliberal nos últimos quatro anos, visando à visão empreendedora e não emancipadora. Há por parte das grandes instituições uma valorização de leituras conteudistas que buscam no texto apenas um pretexto para aquisição de saberes, gerando uma predileção as leituras analíticas que se mantêm presentes nas escolas e um desfalque nas leituras cursivas e inclusivas, mas para melhor compreender as duas leituras citadas, é necessário apresentar a conceituação de ambas. Portanto, segundo Annie Rouxel (2012), leitura analítica é aquela que se preocupa em analisar e interpretar os textos e é também a mais usada nas escolas, a autora critica a uniformização das práticas de leitura escolares e apresenta a leitura cursiva, enquanto uma leitura individual e única.

A grande importância dessas leituras no processo formativo do aluno é evidente. Será exposta a necessidade de cada uma delas para o aluno e como ambas devem caminhar juntas para uma educação emancipatória e democrática. Assim como o trabalho com dois tipos de leitura, discutimos sobre a limitação no uso de poemas em sala de aula e o papel da poesia para a construção de pensamentos críticos e singulares, portanto, faz-se necessário expor a distinção entre ambas e enfatizar que não se trata da mesma coisa.

Nesse contexto, destacamos que o poema é um texto em si com toda sua estrutura física, composto por versos e rimas, podendo ou não apresentar uma forma fixa. Poema é o gênero literário. A respeito da poesia, compreende-se que seja as expressões e criações artísticas capazes de despertar sentimentos e emoções. A poesia não se prende apenas ao poema, podendo ser encontrada em obras de arte, músicas e diferentes outras expressões artísticas.

Diante do que foi mencionado, mais adiante entraremos profundamente nas noções e compreensões destacadas aqui e serão expostos e articulados diálogos que consigam melhor enfatizar aquilo que foi exposto até então.

---

<sup>2</sup> A educação neoliberal transforma o estudante em “mercadoria”, a fim de prepará-lo para o mercado de trabalho e para as necessidades presentes no sistema capitalista.



## **2.1 A BNCC no ensino de literatura do 9º ano (Ensino Fundamental- Anos Finais)**

A intensa busca da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e demais organizações educacionais para se adaptar às mudanças e novidades tecnológicas, na qual os jovens estão inseridos, tem gerado discussões e alterações na composição educacional da disciplina de Literatura nas escolas do Brasil. Ao levar em consideração as mudanças tecnológicas, é recorrente encontrar em sala de aula e, sobretudo, fora dela, estudantes imersos em uma realidade literária diferente da que foi apresentada aos professores no período da graduação e essa diferença de realidades torna o processo de aprendizagem mútuo, pois ambos estão trocando informações e ensinamentos no momento da aula.

Na visão de Sarah Ipiranga (2019, p. 03), a formação da BNCC “[...] se propõe, no caso do Ensino Médio, a descentralizá-lo, mantendo, como forma de união, as habilidades e as competências, paradigma já estabelecido pelos PCN como nova forma de compreender a educação.” Diante disso, compreende-se então que o documento busca também inovar o ensino de literatura e apresentar novas perspectivas e práticas de ensino atualizadas, que consigam instigar o aluno e o conduzi-lo a pensamento crítico sobre a sociedade e os diversos assuntos que o rodeiam, usamos esse estudo focado para o Ensino Médio, mas fazemos uma ponte para pensar sobre o Fundamental- Anos finais. Sendo assim, segundo Ipiranga (2019), a BNCC busca atrair ainda mais o jovem leitor para o universo literário escolar, investindo em práticas que estejam inclusas na realidade deles, buscando dar espaço para os meios de leitura cotidianos usados pelos estudantes.

Assim, o estímulo às novas práticas de leitura é notório, as diferentes maneiras de tentar incluir todos os múltiplos meios de ler são ~~ainda~~ bastante discutidas. Porém, Ipiranga (2019) defende que a BNCC não dá ao professor o real suporte que ele necessita para desenvolver e aplicar as aulas de literatura de maneira inclusiva e que abarque todas as novidades tecnológicas que estejam voltadas para essa área de ensino. Concordamos que a normatização proposta pelo documento dá ao professor apenas pontos ideais a serem seguidos tendo em vista um ideal de cidadão. Dessa maneira, podendo não dar certo, uma vez que diversas complexidades não são evidenciadas, como as diferentes realidades e contextos presentes em sala de aula. O documento destaca 10 competências específicas de

Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, mas apresentamos apenas 2 delas para melhor exemplificar. A BNCC diz que:

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais. (BRASIL, 2018, p.87)

O meio artístico-literário inova e inclui maneiras híbridas e performáticas de se fazer e recepcionar arte, o conceito de arte e literatura vai mudando, evoluindo e deixando de lado certas visões cristalizadas que conduzem e rotulam o entendimento do que seja arte, tudo isso que é discutido aqui veio desde o século XX (20) e a poesia concreta é um exemplo dessas expansões de sentidos e formas. Nota-se ainda que as pessoas possuem uma perspectiva universal do que é belo e uma visão elitista do que é bom, por exemplo, limitando o campo da arte apenas ao que agrada os olhos e não causa desconforto. Essas duas áreas de expressão estão postas na sociedade para dar voz àqueles que antes estavam silenciados nas grandes mídias de comunicação e no meio hegemônico, mas que sempre estiveram fazendo arte, apesar das limitações econômicas. A rotulação dos conceitos de arte e literatura é feito de acordo com o gosto particular de determinados grupos sociais que desconsideram a pluralidade e a complexidade em torno do valor estético.

Em conjunto com os conhecimentos iniciais do conceito de Literatura e a semelhança com as ideias da Arte, a BNCC incluiu o ensino de literatura na mesma área de abordagem das artes, sejam elas musicais ou plásticas, pois, assim como a literatura, as expressões artísticas estimulam a criticidade e a liberdade de expressão dos sujeitos. Por meio dessa inclusão, a BNCC busca conduzir o professor a despertar nos discentes o interesse em buscar a literatura como meio de manifestar suas emoções e visões de mundo, de modo que sejam capazes de realizar uma leitura, sobretudo, questionadora, sistematizada e abrangente das questões sociais que o rodeiam. Sendo assim, apresentar uma maneira diferente de interpretar e traduzir as obras analisadas por meio das colagens analógicas é uma forma de levar os jovens a pensar de maneira autônoma e de se incluir na realidade

social que eles estão vivenciando, além de ser uma possibilidade de cumprir as proposições da BNCC e ainda apresentar o universo artístico e expressivo.

Ao pensar em tais questões, o apoio às diferentes maneiras de fazer arte e suas expressões, bem como se apresentar criativamente e buscar diferentes meios de procurar a leitura literária, é um dos pontos discutidos pela BNCC como fundamentais para melhorar o ensino de literatura. Pautado nisso, a BNCC pontua que:

Nesse sentido, é fundamental que os estudantes possam assumir o papel de protagonistas como apreciadores e como artistas, criadores e curadores, de modo consciente, ético, crítico e autônomo, em saraus, performances, intervenções, happenings, produções em videoarte, animações, web arte e outras manifestações e/ou eventos artísticos e culturais, a ser realizados na escola e em outros locais. Assim, devem poder fazer uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais, em diferentes meios e tecnologias. (BRASIL, 2018, p. 483).

Com relação ao que foi comentado no trecho acima, a perspectiva de ensino exposta pela BNCC, se incluída com cuidado no meio educacional, levando em consideração as condições materiais e as realidades locais, tornaria o ensino de literatura mais democrático e inclusivo, pois daria enfoque às formas singulares de encontrar a literatura e legitimar as particularidades textuais dos sujeitos leitores, bem como o diálogo entre as diferentes artes influenciadas pela interpretação subjetiva de obras literárias. Com base no apoio aos diferentes meios de difusão literária, Lúcia Pimentel Góes (2003) comenta que:

A expressão dessa inclusão está no investimento em uma atualização dos modelos de difusão literária (vlogs, sites, páginas virtuais etc.) e do aproveitamento disso para a construção de uma compreensão mais ampliada e democrática da arte e da participação do aluno em tal constructo. Essa tendência vem há algum tempo tomando corpo em diversas produções voltadas para o ensino de literatura, que se assume em sua forma sógnica mais ampla, inserida numa complexa rede de signos que horizontaliza as práticas literárias. (GOES, 2003 *apud* IPIRANGA, 2019, p. 04)

A inclusão de, por exemplo, *blogs* e aplicativos de leitura nas aulas de literatura enriquece a participação dos discentes, pois dá espaço para sua realidade literária e voz para suas leituras de modo que se sintam incluídos. Desse modo, apresentar *sítes* de poemas e poetas que sejam e estejam presentes no universo dos jovens é um modo de instigá-los a buscar mais obras e adquirir o hábito de ler poemas. Essa inclusão mostra aos estudantes que a poesia pode ser lida e apreciada por todas as gerações de leitores, deixando de lado também a ideia de

que somente as leituras propostas pelos professores e os clássicos do cânone são consideradas literatura. Nesse sentido, Ipiranga (2019) discute que os investimentos feitos para estimular a leitura no jovem leitor é uma maneira mais democrática de incluí-lo no universo artístico e literário e uma possibilidade de ampliar as noções de arte já preestabelecidas pela sociedade.

É ainda fundamental que o professor desenvolva metodologias que consigam tornar mais didáticos os conteúdos que serão trabalhados e que sejam capazes de conduzir as aulas de uma forma mais democrática e abrangente, incluindo as diferentes realidades sociais e literárias presentes em sua sala de aula. A respeito dessa necessidade de inovação, Ipiranga argumenta em seu texto que:

<sup>3</sup>[...] é indispensável que as sequências didáticas sejam organizadas de forma a criar espaço para a manifestação do outro e sua elaboração cognitiva. Isso requer uma nova maneira de conduzir as aulas, em que o professor acompanha o aluno na descoberta do conteúdo. Ou seja, há que se preparar o discente para uma atitude interpelativa diante dos livros. Os conteúdos são coordenadas do pensamento e da sensibilidade. Por isso, o enriquecimento das aprendizagens somente se concretizará com estratégias que permitam a emergência das competências que o aluno já traz consigo e que precisam ser amadurecidas. (IPIRANGA, 2019, p. 05)

Os estudantes já trazem consigo uma grande quantidade de questões e problemáticas sociais atreladas a experiências de vida que são desenvolvidas em sala e conduzidas para que futuramente consigam ser aprimoradas e compreendidas. Através dessa exposição, é possível guiar o aluno para uma leitura cursiva de poemas que consiga unir à leitura analítica e crítica e, desse modo, mostrá-los que é possível realizar análises do meio social ao qual estão incluídos e de si próprio para que consigam se reconhecer socialmente e refletir sobre seu papel no meio em que está inserido. Por meio da análise ao mesmo tempo individual e coletiva, o educando consegue adentrar mais completamente na sociedade e em suas pautas.

Compreende-se, também, que os discentes estão buscando, cada vez mais, a leitura como uma fuga da realidade, são esses os chamados, de acordo com Ipiranga (2019), leitores emergenciais que buscam a leitura para se manterem distantes do seu próprio contexto e como uma alternativa para se sentirem

---

<sup>3</sup> O processo de condução e apresentação de leituras ao estudante deve ser feito de maneira racional e bem elaborada, nesse exercício de exposição o professor se torna mediador de leituras e agente condutor do literário. Essa ideia é defendida por Rildo Cosson no livro *Círculos de Leitura*.

acolhidos pelo mundo literário. A partir da perspectiva de Ipiranga (2019) sobre a busca pelo universo literário, para se encontrarem no espaço em que estão, Michèle Petit (2013) apresenta a leitura como “uma história de refugiados” na qual o jovem leitor busca encontrar nos textos que lê um espaço para agirem e serem da sua maneira. Além disso, a autora ainda comenta sobre as dificuldades sociais e a importância do incentivo familiar à leitura, ela diz que, na maioria das vezes, torna-se leitor porque se convive, quando criança, com adultos que têm o hábito de ler frequentemente.

Além disso, há um apego às chamadas leituras seguras, essas são vistas como abrigo e rapidamente consumidas pelos leitores, porém, apesar disso, são facilmente esquecidas, são essas as chamadas leituras rápidas que, segundo Ipiranga (2019, p. 04), “[...] tudo é tão rápido que não há possibilidade de se concretizar uma experiência e de que ela traga modificações para o desenvolvimento do próprio aluno”. São leituras de pouco aproveitamento criativo e crítico, apesar de serem um meio de iniciar no universo literário, esses textos não estimulam o pensamento crítico sobre as realidades recriadas nas obras em questão.

Os materiais didáticos e as práticas de ensino devem ser voltados para abarcar novas maneiras de se ver a literatura e compreender as noções de mundo, bem como abordar as obras de maneira integral. Em referência a isso, Ipiranga (2019) comenta que:

[...] é necessário redirecionar as aulas e o material didático para que essa nova compreensão seja efetivada. Alguns procedimentos são, portanto, essenciais para que haja uma equivalência entre ações e concepções. No que reporta à literatura, a mudança deve comportar, sobretudo, a compreensão da história a partir dos textos e não ao contrário, leituras mais aprofundadas (evitar trabalhar com excertos), compartilhamento de experiências de leitura, inserção de novos contextos e outras modalidades de escrita e percepção do mundo. (IPIRANGA, 2019, p. 05)

É fundamental, para o incentivo à leitura, que o professor busque trabalhar com as obras literárias completas e não apenas trechos delas, pois é comum ver apenas a presença de fragmentos curtos e descontextualizados do texto que está sendo trabalhado, deixando de lado a leitura completa e real dos livros em questão. Pensando nisso, os professores são levados a optar por fazer apenas uma breve contextualização e apresentação dos autores e das características do período

literário em que o texto se encontra, se resumindo à história da literatura e não à leitura literária. Porém, é válido frisar que o trabalho com pequenas partes do texto é comumente ocorrido quando as aulas são sobre romances, por serem muito extensos e demandarem uma carga horária maior para as discussões, sendo assim, o docente, cheio de turmas para cumprir um número determinado de conteúdo durante o ano letivo, opta por desenvolver as aulas somente com trechos do romance original.

Dessa maneira, apesar de, em sua maioria, o poema ser um gênero literário curto e por meio disso ser possível organizar aulas com o texto completo, ainda se encontra dificuldades em trabalhar com ela em sala de aula, essa dificuldade advém da difícil tarefa de acessar a plurissignificação e as camadas da própria linguagem poética. Há a necessidade de apresentar os poemas de maneira completa e frisando a importância de realizar leituras profundas, pois segundo Pinheiro (2019):

Em tempos em que a cultura de massa cada vez mais oferece padrões fáceis, variações sobre o mesmo tema que pouco exigem da inteligência e sensibilidade do leitor, o trabalho do professor de literatura oferecendo objetos artísticos de valor se faz cada vez mais necessário e urgente. (PINHEIRO, 2019, p. 66)

Como citado anteriormente, essa realidade de estudar apenas os trechos se aplica ainda às aulas de literatura em que estão sendo trabalhados os poemas, porém a BNCC determina que as exposições devem ser desenvolvidas, “explorando o uso de recursos sonoros e semânticos (como figuras de linguagem e jogos de palavras) e visuais (como relações entre imagem e texto verbal e distribuição da mancha gráfica), de forma a propiciar diferentes efeitos de sentido.” (BRASIL, 2018 p. 187). Porém, Pinheiro (2019) comenta que os professores têm insegurança quando se trata de desenvolver aulas sobre o poema/a poesia, bem como incentivar a leitura honesta de poemas, por isso, esse gênero literário tende a ser reduzido a expor a estrutura formal (versos, rimas, sons, as figuras de linguagem e etc.) e não se propõe a fazer uma leitura subjetiva, a cursiva de Rouxel (2012), das obras em questão.

Fatores como esses são ocasionados pela falta de segurança e preparo do docente, bem como a sua realidade formativa com lacunas e, além disso, a própria conjuntura da leitura no país e as políticas educacionais que não priorizam o ensino. Ao levar em consideração todo o sistema escolar e político, é notório o descaso no processo de acesso à educação e à leitura. Sendo assim, Ipiranga (2019) comenta

que: “Torna-se, portanto, indispensável que se fuja dos modelos meramente informativos de leitura e análise, pois eles não operam uma real transformação nos modos de pensar nem ampliam a capacidade de abstração e reflexão.” (IPIRANGA, 2019, p. 6) Desse modo, é fundamental que o professor de literatura trabalhe com metodologias de ensino que sejam eficazes e que atrelam as realidades presentes na sala de aula. Os modelos que têm somente a intenção de informar não atuam de maneira eficaz no ensino, pois as múltiplas formas de ler têm significativo impacto na formação cognitiva dos alunos.

Ainda segundo Ipiranga (2019), incluir o mundo do discente, suas experiências e sua visão das obras é contribuir ainda mais nas aulas e discussões propostas pelo professor. Dessa forma, a nossa proposta de inclusão das colagens analógicas é uma possibilidade de abrir espaço para interpretações e discussões que contribuam de maneira significativa no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula. A alternativa de interpretação que propomos conduz o estudante a deixar fluir o seu lado artístico e expressivo que muitas vezes fica esquecido e silenciado pelo ensino formalista trabalhado nas escolas e pelo modo de vida neoliberal.

Portanto, discutiremos alguns problemas ocasionados pelas lacunas nas metodologias usadas em aulas de literatura e também os embates do ensino formalista que visa apenas a formar indivíduos para viverem um modo de vida hegemônico e não se dispõem a criticar com profundidade a sociedade e seus problemas.

## **2.2 O déficit metodológico e os problemas do ensino formalista e simplificado de literatura**

Como citado no tópico anterior, a prática do ensino de literatura deve ser constantemente repensada e os recursos de ensino literário usados nas aulas da disciplina carecem de aprimoramento, para que seja possível uma melhor condução dos alunos para discussões mais proveitosas. A escolarização da literatura leva o estudante para um melhor desempenho e caminha para tornar a disciplina mais inclusiva e participativa, bem como a formação e aprimoramento das práticas de leitura e escrita e da visão do aluno sobre o que é e como a literatura influencia em sua vida, essa influência parte da capacidade que os textos literários possuem de

gerar criações, questionamentos e microrrevoluções mentais que não permitem que os discentes sejam levados a pensar igual aos grandes grupos e conduzidos a crer em tudo que é exposto e rotulado como única verdade. A literatura possibilita aberturas para o que antes limitava o pensamento e o sentimento.

Porém as aulas não acontecem de forma a priorizar todos os tipos de leitura. Devido à grande demanda de conteúdos e ao pouco tempo para abordar todos eles, as discussões são pautadas apenas na leitura analítica e lista de características dos períodos literários. Dessa forma, é possível notar um déficit metodológico que não possibilita aos alunos liberdade de produção e os encaixam em padrões limitantes de aprendizagem, os quais não desenvolvem o pensamento crítico e a visão singular sobre o meio social e sobre si mesmo nem questionam e resolvem problemas. Ao contrário disso, se prendem em seguir as normas já estabelecidas pela crítica convencional e pelo âmbito escolar.

Com referência à ideia errônea que se tem sobre a pretensão de “construir” ou “formar” leitores, Michèle Petit (2013) discute que essa ideia está relacionada a padrões que visam a conduzir o estudante a entrar na literatura exaltada pelas instituições de ensino como correta e digna de ser apreciada e crítica o uso do termo, pois ele dá a entender que o estudante já não é construído e que precisa ser feito e não apenas lapidado. Obrigar o leitor a se debruçar sobre leituras ao qual nunca tiveram um contato prévio e excluir suas práticas de leitura pode acarretar, segundo ela, em um distanciamento dos livros e uma busca por novas maneiras de encontrar refúgio.

Ao levar em consideração os levantamentos expostos anteriormente, a pesquisadora Rouxel (2012) critica também o sistema educacional que apenas prioriza as leituras conteudistas, deixando de lado a leitura por prazer e a leveza de ler despreziosamente. A autora diz que “leitura autônoma e pessoal, ela autoriza o fenômeno da identificação e convida a uma apropriação singular das obras. Favorecendo outra relação com o texto, significa um desejo de levar em conta os leitores reais.” (ROUXEL, 2012, p. 6). Legitimar os leitores reais que buscam os romances e as poesias como divertimento e aprendizado é fundamental para a concretude e eficácia da prática de leitura literária democrática.

As didáticas de ensino usadas nas aulas de literatura tendem a fazer apenas uma pequena exposição das obras e uma apresentação mínima do autor em questão, deixando o foco das aulas no período literário em que a obra está



enquadrada. Além disso, para que os conteúdos programados sejam trabalhados, o professor reduz o romance em trechos para que sirvam de material expositivo e exemplos do que está sendo discutido. Essa forma de levar os textos é adotada pelos livros didáticos que reduzem o romance a pequenas partes. Além de estar dentro de uma demanda conteudista que prioriza o desempenho em provas, essa maneira de apresentar o texto não dá ao aprendiz espaço para realizar suas análises e desenvolver impressões sobre o que foi exposto e de que se trata o texto em questão. Portanto, torna-se difícil que os discentes desenvolvam na escola o hábito e o gosto pela leitura. No que se trata do uso de poemas e o estudo da função poética da linguagem, as metodologias e aplicações do texto tendem a ser mais superficiais e reduzidas.

O sistema educacional ensina os professores a trabalhar com metodologias que focam apenas na forma do poema, suas particularidades estruturais e características do gênero por, na maioria das vezes, não se sentirem aptos e seguros para conduzir uma leitura analítica e cursiva de poemas. A falta de preparo e sensibilidade leitora fazem com que as aulas sejam breves e teóricas, presas em um formalismo metodológico que modela e enquadra o sujeito em padrões de pensamento e visão de mundo. A subjetividade presente na escrita poética libera o sujeito das amarras formais, abre o pensamento e permite a criatividade de gerar questionamentos sobre a materialidade existencial das coisas, amplia a visão sobre as múltiplas maneiras de estar no mundo e dá vazão ao sentimentalismo criativo que conduz a arte.

Como reflexo disso, nota-se também uma ausência no uso de poemas como material de trabalho, esse fato acontece pelo pouco tempo que se desenvolve as aulas da disciplina. As lacunas didáticas prejudicam o desenvolvimento de um ensino mais dinâmico e potencializador, desse modo acabam não instigando os alunos a analisarem as obras e se prendem a moldes de ensino que trabalham o gênero de forma sistematizada e formal, assim como Rouxel (2012) discute em seu texto. Apresentar uma solução para essa problemática é uma das principais funções de pesquisadores que se disponham a discutir sobre o estudo de poemas na sala de aula e, conjuntamente, apresentar possíveis soluções para essa carência no ensino de literatura, pois a BNCC apenas dita competências e espera que sejam acatadas fielmente. Um desses pesquisadores é a estudiosa Jilvania Bazzo, que discute sobre os benefícios e a maneira de fazer uso de poemas na sala de aula

como material analítico, a respeito de um maior aproveitamento nas aulas, a autora comenta que:

A solução para a problemática encontra acento na perspectiva de um ensino emancipatório e imbricado entre língua e literatura, assim como pensar em proposições que, mesmo sendo provisórias e precárias, possam favorecer o desenvolvimento da competência do saber fazer-se professor(a) [...]. (BAZZO, 2018, p. 132)

A pesquisadora discute sobre a inclusão de um ensino mais emancipatório e dá enfoque para as questões práticas do cotidiano, em conjuntura com as noções do saber-fazer literário e prático que compactuam para um melhor aproveitamento e incentivo para ingressar no universo poético. É importante relacionar as aulas com discussões que estejam relacionadas com o meio social do indivíduo, bem como apresentar poesias que trazem problemáticas sociais que consigam gerar participação e interação. A respeito de incluir o social do aluno, Pinheiro discute que, “O que interessa é que determinados temas conhecidos pelos alunos têm boas chances de gerar trabalhos agradáveis, que favorecem a participação e o envolvimento.” (PINHEIRO, 2018, p.50) Trazer problemáticas conhecidas pelos alunos é um meio de dar voz aos seus posicionamentos, além de despertar interesse em buscar mais textos que tenham como tema central as mesmas questões.

Porém, essa liberdade e emancipação deve ser em partes guiada pelo professor, de modo que seja possível a realização de discussões e um maior aproveitamento do leitor. O professor realiza a mediação das discussões para que os estudantes não se percam nos diálogos e consigam desfrutar de forma mais abrangente as informações que o texto repassa. A respeito disso, Cosson (2021) afirma que o docente tem o importante papel de acompanhar os discentes, mas sem apresentar uma direção já estabelecida e sim conduzindo para possíveis caminhos a serem seguidos.

Para a concretização desta proposta, requer que o docente se desprenda das amarras do ensino formalista e abra espaço para noções e abordagens mais integrativas, que consigam incluir as experiências vividas pelos discentes em todos os meios sociais, pois delas partem valiosas discussões e encaixes nas experiências de vida. Essas noções inserem o texto e as análises em caminhos que conduzem as diferentes formas de ver o texto e as muitas leituras que se formaram

a partir dele, além de incluir as variadas noções que perpassam sobre o texto através do tempo.

A partir dessa perspectiva de ensino mais democrático, “é importante que o aluno se sinta agente da ação e da construção solidário-coletiva do conhecimento como um integrante essencial do grupo de aprendizagem [...]” (BAZZO, 2018, p. 141-142). Desse modo, é possível que os sujeitos se tornem parte integrativa no processo de ensino e aprendizagem e não apenas um receptáculo passivo de informações. Junto com o docente, os aprendizes são capazes de gerar discussões e promover questionamentos que geram análises mais aprofundadas e um melhor entendimento dos textos e do mundo, fazendo com que haja um aproveitamento do que foi discutido em aula, reconhecer que o ensino se dá de forma compartilhada e coletiva melhora a relação com os alunos e promove um processo mais consciente e ativo.

A trajetória do ensino de literatura é extensa e perpassa por importantes momentos da história da escrita literária, segundo Zappone e Wielewicki (2019) em seu texto “Afinal, o que é literatura?”, com o passar dos anos passou a incluir diferentes expressões e manifestações textuais como textos cabíveis de análises literárias e não somente os textos canônicos ricos em metáforas e elementos analíticos. Para melhor compreender essas noções e enfatizar as questões discutidas aqui, Rildo Cosson (2021, p. 175) apresenta uma conceituação do que é literatura (porém, não é possível encaixá-la em um só conceito) e de que maneira essa perspectiva influência na elaboração de metodologias de ensino que enriqueça as aulas, ele diz que:

[...] a literatura é uma linguagem que se apresenta como um repertório de textos e práticas de produção e interpretação, pelos quais simbolizamos nas palavras e pelas palavras a nós e o mundo que vivemos.(COSSON, 2021, p.175)

Dessa forma, compreende-se que a literatura são as expressões artísticas e textuais e abrange áreas significativas de atuações, estejam elas presentes em teatros, músicas, filmes, séries, manifestações populares e culturais de cada região etc. Portanto, encaixá-la no conceito modelador e sistematizado do ensino formalista que deslegitima as práticas leitoras diversas e pesquisadoras dos estudantes e não levar em consideração as diferentes abordagens dessa área de

ensino é, de certo modo, excluir e privar o discente de se deleitar com experiências distintas de aprendizagem.

Essa maneira de apresentar a literatura, seguindo as noções do letramento literário, coloca o ensino de literatura em uma corrente de abordagens e práticas que não mais se limitam a concepções formais de ensino e se preocupam em conduzir o educando a experiências de leituras críticas e cursivas que não se dispõem apenas em expor material analítico, mas sim em conduzir o estudante para criar hábitos de leitura. Porém, essa perspectiva não exclui a relevância das noções de leituras que os discentes possuem, pois acreditar que os alunos não têm nenhuma experiência com a literatura nos dias de hoje já não é mais cabível e deslegitima as cargas subjetivas dos aprendizes.

A perspectiva da literatura como arte e modelo de expressão artística ainda hoje não possui aceitabilidade e não é levada a sério, pois desbanca a ideia de que literário é somente as obras presentes no cânone da literatura, e em livros, e inclui expressões literárias das mais variadas formas. Dessa forma, dando voz aos sujeitos que por muito tempo permaneceram silenciados pela sociedade e seus padrões do que é belo e do que é literário. Esse desmonte da hierarquia remodela o ensino e enriquece as compreensões, pois inclui as diferentes visões presentes no meio social e as noções do mundo e legitimando todas as experiências dos sujeitos em questão.

Ao partir dessa noção de arte e ensino literário, há uma hierarquização da literatura e dos textos literários no âmbito escolar e social. Monta-se uma estrutura de avaliação que não inclui os diferentes textos que compõem o meio literário, essa exclusão das produções atuais sistematiza e representa uma forma de ensino exclusiva e propriamente formal, Apesar das alterações ocorridas no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), nas quais se fez necessário repensar diversas estratégias de ensino e trilhar caminhos que levem a mudanças verdadeiras e significativas. Porém, por mais que os primeiros passos já tenham sido dados a trajetória para uma modificação real e evidente, é longo e ainda dá passos curtos. Contudo, o déficit educacional fica ainda mais em evidência quando se percebe que as transformações começam “por cima” em que é apenas estabelecido e ditado regras sem nenhum cuidado em observar como serão aplicadas as mudanças. Isso ocorre, pois, as políticas educacionais e econômicas não demonstram cuidado em apresentar incentivos e apoiar o meio educacional.

Sobre isso, Pinheiro (2018, p. 114) no livro “Poesia na sala de aula” discute que “não se trata de fazer nem tecnicismo, tal como diferenciar a linguagem literária da não literária, ou de reconhecer a função poética e metalinguística da linguagem”. Trata-se de possibilitar um encontro mais íntimo com a poesia.” Esse encontro com a escrita poética possibilita que ele consiga fugir do pensamento hegemônico e adquirir por si só as suas opiniões e modos de ver e compreender diferentes situações, além de compreender que essa autonomia é também saber que os outros são necessários para o processo de ensino/aprendizagem. É coerente que as instituições de ensino incentivem os professores e alunos a buscarem a leitura de poesia como material de aulas e maneira legítima de manifestar suas influências sobre determinados momentos, pois ela influencia e gera informações e noções subjetivas singulares.

Ler poemas é manifestar silenciosamente as emoções e os anseios, portanto permanecer seguindo os padrões de ensino que não incluem os estudantes e retirar a poesia das aulas é continuar formando leitores e sujeitos padronizados. A pesquisadora Liliâne Maria de Moura Chagas, discute no livro *Poesia (cabe) na escola: por uma educação poética* que:

A poesia é algo que, na sua essência, encerra e expõe sentimentos e pensamentos, palavras e razão. O ser humano, desde sua infância, inserido na cultura e na relação com outro ser humano, pode se apropriar dessa forma de linguagem pelos gestos, movimentos, desenvolvimento da imaginação e dos sonhos. (CHAGAS, 2018, p. 173)

A partir do fragmento acima, compreende-se que a poesia liberta e dá voz à subjetividade dos sujeitos e, partindo disso, permite que essa subjetividade atue de maneira particular e abrangente nas análises e experiências do mundo é o encontrar-se através do texto que possibilita o retorno desse leitor às leituras literárias.

A experiência de se encontrar na leitura fornece ao indivíduo a oportunidade de vivenciar momentos ímpares na formação leitora, o ato de se ver no texto é ainda uma das distintas possibilidades que a leitura de poemas entrega aos leitores, assim como o encontro de si nas obras e a deliciosa sensação de pertencimento no mundo, fatores como esses dão ao aluno a emoção de ser e pertencer ao ambiente educacional sobre isso, Chagas discute que:

A vivência íntima e significativa com a palavra poética desde a infância favorece a celebração de uma profícua ligação entre o real e o imaginário. São a linguagem e a vida mescladas, materializadas numa relação vital para o desenvolvimento do ser humano. (CHAGAS, 2018, p. 174)

Além disso, o contato com a leitura de poemas e suas múltiplas possibilidades de interpretação e discussão proporciona ao leitor um olhar multissemiótico e, desse modo, gerando uma melhor absorção do que foi lido. Portanto, é interessante que a sociedade, as escolas e a universidade se proponham a trabalhar com os poemas em sala e sejam conduzidos a buscar preparo para guiar essas aulas, de modo que se sintam plenamente capacitados e seguros para lecionar e analisar em conjunto com os discentes, levando em consideração as dúvidas e os posicionamentos que vierem a surgir. Pois, segundo Pinheiro (2018):

“São procedimentos que visam expor o que foi estudado ou criado. Devem, a nosso ver, ser resultado de um percurso e não um fim em si mesmos. Qualquer instrumento que colabore com a divulgação da poesia deve ser incentivado. (PINHEIRO, 2018, p.57)

Faz-se então necessário que a escola possibilite o desenvolvimento de ações que facilitem esse preparo profissional, bem como a inclusão de alternativas que enriqueçam e auxiliem nas aulas. Desse modo, usar colagens analógicas como instrumento de percussão da literatura colabora para disseminação do olhar sensível para a poesia e para a concretude de competências e debates propostos pela BNCC, diante disso, será tratado aqui de apresentar uma possibilidade didática para o ensino de poemas que seja eficaz e proporciona ao estudante um olhar multissemiótico sobre os poemas.

### **3 POESIA E COLAGENS ANALÓGICAS: LEITORES CRÍTICOS E CRIATIVOS ATRAVÉS DA LEITURA DE POEMAS**

Neste capítulo iremos trabalhar com a ideia limitante de que é possível construir leitores e o desenvolvimento da subjetividade leitora de cada aluno. Aqui serão expostos alguns motivos para incluir os poemas com mais veracidade no ensino de literatura e os pontos positivos dessa inclusão. Além disso iremos trazer uma breve discussão sobre o dialogismo de Bakhtin, na perspectiva de Debus (2018), e como o aluno pode encontrar a si e ao outro através da leitura e compreensão do texto, essa teoria afirma que o homem tem o nascimento físico, quando nasce, e social, quando se encaixa em um grupo social e consegue encontrar o seu eu ali e formar suas características.

Também será apresentado as colagens analógicas e as variadas possibilidades de criação. A respeito das colagens analógicas, é válido mencionar que não há muitas pesquisas que trabalhem com ela e poucos teóricos que têm como centro de sua pesquisa o uso de colagens analógicas. Isso advém da sua recente chegada aos holofotes da internet, porém essas criações não começaram a existir de agora, já percorreram um caminho pelo tempo.

#### **3.1 A poesia na sala de aula: do silenciamento a vazão de subjetividade**

Assim como citado no capítulo anterior, a inclusão da literatura, na mesma área de abordagem que as artes, enfatiza a importância de destacar a literatura como expressão artística e ressalta a carga subjetiva presente em suas produções e o papel das obras literárias no universo artístico e sentimental. Assim, a carga subjetiva presente nas obras literárias e a grande importância de incentivar a produção artística expressiva dos alunos é um meio de democratizar o acesso à arte e as suas variadas vertentes, os poemas são condutores sentimentais e obras passíveis de gerar variadas interpretações e desse modo torna-se fundamental o uso efetivo nas escolas do país. A partir do constante uso dos poemas, torna-se, segundo Pinheiro (2018), necessário apresentar diferentes procedimentos que consigam prender a atenção do aluno na sala de aula e despertar nele um interesse em buscar os poemas não somente no ambiente escolar.

A efetivação do uso de poemas nas aulas de literatura como fonte analítica é, ainda, deixado de lado e substituído por apresentações sintetizadas sobre o

gênero. Devido a isso, nota-se que os jovens chegam ao Ensino Médio sem ter tido um contato verdadeiro com o poema e suas cargas subjetivas. Nesse contexto, destacamos que a formação docente não dá enfoque para a abordagem com poemas em sala de aula, trabalhando apenas de forma sistematizada o gênero, mas não conduzindo o futuro professor a aplicar em suas aulas. Com isso, Pinheiro (2018, p.12) comenta que os problemas na formação fazem com que os professores optem e se sintam mais confortáveis em trabalhar com o texto em prosa, deixando a abordagem com o poema em segundo plano ou muitas vezes optando por trazer apenas uma contextualização do gênero e apresentar alguns autores para vislumbre do aluno.

A poesia desempenha um papel fundamental no trabalho com questões sociais e problemáticas mais abrangentes, pois consegue expor problemas sociais que antes eram desconhecidos por eles e possibilitando que tenham liberdade para formar suas próprias opiniões e posicionamentos. O pouco acesso a leitura de poemas resulta em déficits formativos e Pinheiro (2018) comenta que:

[...] pensarmos na sequela que resulta do não acesso de milhares de alunos a poemas significativos de nossa tradição literária. Mas a função social da poesia, é bom lembrar, não é mensurável segundo modelos esquemáticos de avaliação escolar. É uma experiência íntima que muitas vezes captamos pelo brilho do olhar de nosso aluno na hora de uma leitura, pelo sorriso, pela conversa de corredor. (PINHEIRO, 2018, p.18)

A poesia tem a função de gerar questionamentos, despertar o interesse pelo social e desprender as amarras que resultam das privações que se teve por muito tempo e do silenciamento e falta de oportunidade para expor posicionamentos. A partir do momento que estudante opte por ler poemas não somente de maneira analítica em sala de aula, ele pode ver a precariedade do meio social em que está inserido e abre espaço para que se torne um indivíduo mais sensível e romântico que consegue expressar seus sentimentos e compreender o universo a sua volta.

Apesar de haver um certo receio advindo dos jovens em expressar seus sentimentos, é visível a necessidade que se tem de trabalhar esse lado no adolescente, pois esses já estão rodeados de grandes cargas sentimentais. Os jovens estão cercados por grande sentimentalismo e deslegitimação deles que ocasionam em problema de confiança. A leitura de poemas desperta fortes e significativas compreensões e, segundo Rouxel (2012, p.06), “O jovem leitor



sente-se incapaz de dar conta da emoção que o invade, de explorar a intuição que aflora; ele sabe que ler equivale a ler-se a si mesmo.” O sentimento de incapacidade e pouco interesse em lidar com essa grande carga sentimental resulta no afastamento da leitura e em concepções de que o romântico e o sentimento só devem ser encontrados nas mulheres, essa visão patriarcal gera grandes danos aos jovens leitores que desistem de iniciar nas leituras de poemas por temer a opinião daqueles que estão ao seu redor.

A leitura de poemas e o encontro com a poesia é, certamente, um espaço de refugiados, a descoberta de ambos dá voz ao que antes estava silenciado e mostra aos sujeitos que é possível expressar suas angústias sem fazer uso da linguagem verbal. Na leitura de poemas, há a possibilidade de um preenchimento de espaços, fazendo com que o sentimentalismo, a subjetividade e a criatividade transbordem para muito além do âmbito escolar. Pois, segundo Pinheiro (2018), quando a poesia inunda o espaço da sala de aula ela tem a capacidade de gerar ainda mais experiências com grandes significados para a formação e para si próprio.

No que diz respeito à leitura e suas práticas, tudo se torna influência na formação de interesse e no desempenho dos alunos, o meio social e escolar são significativos no processo de formação leitora e em estimular o aluno a ler. Nota-se que a condição na qual o leitor está inserido em seu meio familiar é um dos fatores primordiais na formação leitora dos jovens, pois os pais e o ambiente familiar são espelhos para os jovens e se os estes não têm hábitos de leitura não se deve esperar que seus filhos despertem interesse para ler. A respeito disso, Pinheiro (2018, p.112) comenta que se o jovem não tem contato com livros de poesia em casa, ou na escola, é difícil esperar que ele sinta interesse pela leitura, pois o estímulo para leitura deve se iniciar no ambiente familiar e se desenvolver na sala de aula junto com a criticidade e pensamento subjetivo, esperar que o aluno forme gosto para leitura de poemas sem nem ao menos ter tido contado com o gênero uma vez é arriscado.

Esperar que o aluno apresente gosto para a leitura de poemas e que leve para a sala poesias, estando eles mergulhados em outros textos mais atuais ou em realidades que não tem a leitura como fundamental no dia a dia, é tarefa difícil e pode gerar frustrações. O professor desempenha o papel de guia no universo leitor e conduz em sala a aluno a experiências singulares e novas de leitura,

apresentando poemas e romances desconhecidos pelos alunos e que fogem da linha de leitura ao qual estão acostumados. Porém, é interessante que os estudantes participem da escolha das obras que serão trabalhadas, mas que o docente não confie somente no gosto dos seus alunos e leve outras opções de leitura que se distancie do comodismo literário no qual os alunos se encontram e os façam pensar e analisar questões sobre a vida e suas adversidades.

Deve-se optar por trazer poemas que abordam questões sociais e instiguem o aluno a pensar criticamente sobre elas, assim como obras que trabalham o lado sensível desses leitores e os levem a fazer interpretações de maneiras distintas dando espaço para suas impressões e a maneira como a poesia toca seu interior. Os poemas de Manoel de Barros, por exemplo, abordam problemáticas sociais, fazendo uso de metáforas e imagens que dão maior profundidade e sensibilidade aos debates. Relativo ao uso de poemas que apresentem problemáticas sociais, Pinheiro (2018, p.113) comenta que:

[...] proporcionar-lhes leituras desafiadoras que possam questionar posições, preconceitos e colaborar para que se tornem leitores mais exigentes. Nem sempre é bom respeitar o gosto, uma vez que sabemos que o nosso gosto e o de nossos alunos estão impregnados das facilidades que a sociedade de consumo nos impinge a todo instante.

Com isso compreende-se a importância de proporcionar diferentes experiências de leitura que sejam capazes de levar os alunos a universos literários desafiadores e singulares, que consigam desenvolver análises subjetivas que trabalhem a expressão artística. As colagens analógicas são uma proposta que serve de exemplo, a relação poema e colagem pensa a função poética da linguagem, por exemplo, e também a relação que o poeta estabelece com as palavras e seus sentidos é um meio de evidenciar o olhar criativo e sensível de cada estudante e de apresentar suas impressões de forma única e particular que seja passível de demonstrar a subjetividade presente nos poemas e expor a maneira como cada estudante foi tocado pela poesia.

É necessário incluir diferentes visões do universo literário intercalando textos e escritores canônicos e atuais, romances e poemas de modo que seja possível ampliar a imagem do mundo e da leitura. Trazer o poema para ser trabalhado em sala de aula é promover a desconstrução da ideologia estabelecida durante tempos de que literatura era posse da burguesia e que nada além disso é

considerado arte, pois a apresenta a variados indivíduos de distintas classes sociais. Democratizar o acesso à leitura, incluindo aqueles que estavam à sua margem, dando-lhes oportunidade de vivenciar experiências que serão significativas em sua vida.

Além de abrir espaço para dar voz ao sujeito enquanto leitor que esteve durante anos excluído e silenciado, além de possibilitar um compartilhamento de visões e difusão de saberes. A BNCC articula que: “Os processos de criação precisam ser compreendidos como tão relevantes quanto os eventuais produtos.” (BRASIL, 2018, p.193), pois é a partir do processo que o aluno compreende o real significado da arte e da criação e a valorização da subjetividade que, apesar de fundamental e de estar sempre presente no meio literário, foi, por tempos, sufocada pela materialidade do texto e deixada de lado para dar enfoque apenas aos critérios materiais de análise que eram feitos de maneira formal e sistemática. Pensando nisso, Antoine Compagnon (1998, p.137) diz que “[...] a leitura pretensamente culta, atenta, conforme a expectativa do texto, é uma leitura que se nega ela própria como leitura.” Compreende-se, então, que a leitura voltada apenas para a análise dos textos ou lidas somente por ler não são aproveitadas e deixam até mesmo de serem vistas como leitura, pois desvalorizam a subjetividade e a emoção que estariam presentes naquele momento e automatiza o ato de ler, decodificando os textos.

A formação de compreensões é desenvolvida por meio de apropriações de sentidos e extração de lições que foram aplicadas intencionalmente no corpo do texto, Bellemin-Nöel (2001 *apud* Rouxel, 2012) comenta que o leitor realiza uma delimitação de objetivos e suga os sentidos de cada um deles realizando uma “atividade vampiresca”, em que é possível que o leitor retire do texto aquilo que para ele é fundamental e pode ser levado para vida. Os poemas desempenham um importante papel nessa forma de “vampirizar” as obras, pois, por meio deles, torna-se possível desenvolver e formular concepções, sobretudo o que cerca e extrair sentimentos de grande valor romântico, no sentido do Romantismo e não do senso comum e subjetivo. A partir do encontro real com os poemas, os estudantes criam seu próprio texto, seja ele escrito ou usando imagens, que associa a particularidade e originalidade da sua voz com traços do texto original, sem deixar de lado as suas interpretações.

Os estudantes atuais estão vivenciando um período criativo que é rico em inclusão e que busca inserir e formalizar expressões artísticas diversas, aquelas que

antes estavam à margem da sociedade. Os artistas circenses, segundo Gilmar Rocha (2010), por exemplo, são hoje mais reconhecidos e vistos como condutores da arte e fundamentais para manter viva a cultura daqueles que antes eram menos favorecidos. Assim como os artistas de rua, a leitura de poemas também passou por um processo evolutivo que se deteve a incluir todas as classes sociais nas práticas de leitura, retratando em obras a realidade social do país e não somente o que a burguesia tinha acesso.

Desse modo, a realidade criativa que o aluno vivencia em sala de aula e também no espaço familiar atua como agente gerador do subjetivo. A autora Rouxel (2012) afirma que:

O investimento do leitor, sua criatividade, se desenvolvem particularmente dentro do espaço variável mas limitado dos implícitos do texto e dentro de zonas de indeterminação, sejam estas de nível local ou concernentes à significação global das obras abertas. (ROUXEL, 2012, p. 9)

No poema as questões citadas pela autora são ainda maiores, pois a escrita poética é rica em questões de entendimento variável e com fatores implícitos ao leitor que despertam múltiplas compreensões. Cada leitor lê o poema de maneira única e particular, os poemas de Manoel de Barros, por exemplo, são repletos de fatores indeterminados que atuam como totalizantes na leitura. Portanto, a singularidade das possíveis traduções feitas pelas colagens é o que a torna essa alternativa rica e repleta capaz de nomear o inominável. Desse modo, não se deve privar ou limitar os alunos nas suas interpretações, mas sim acompanhar o processo de criação e guiar as traduções.

Ler poemas depende do apoio e da sustentação dos governantes e gestores educacionais e é fundamental que eles proporcionem ao aluno o encontro com a leitura, pois é a partir desse contato que o estudante desenvolve a possibilidade de encontrar a si mesmo no texto e perceber que o seu “eu” é estável no mundo e já não é mais silenciado. Sobre o encontro de si, Eliane Debus (2018, p. 8) afirma que “o diálogo entre a palavra da vida e da poesia enriquece estreias de horizontes históricos que, por vezes, negligenciam a palavra que entra na poesia, no mundo da arte e escapa do mundo da vida cotidiana.” A associação do poético e do social é também uma das possibilidades da leitura de poemas, pois, assim como discute Bakhtin (2017), o processo literário também faz parte da formação do social.

Portanto, é necessário que os poemas sejam trabalhados em sala de aula de maneira não só analítica, mas também conduzam para práticas de leitura cursiva que levem em consideração o sentimentalismo dos alunos e suas cargas expressivas, deixando que se revelem por meio da criação de produções artísticas. A colagem analógica permite a leitura cursiva pois não se preocupa somente em desenvolver análises, mas em traduzir em imagens aquilo que o leitor sente ao ler o poema. Além de ser uma atividade leve e divertida que não exige nada mais que criatividade e sensibilidade na leitura. Desse modo, a voz do aluno, que esteve em segundo plano por muito tempo, começa a ser ouvida e levada em consideração na escola. É necessário que questões voltadas às práticas de leituras e evidenciação da subjetividade sejam colocadas em pauta na sala de aula de literatura, para que haja de fato uma melhor compreensão sobre o social e um desencadeamento de opiniões críticas dos alunos e não somente trabalhos voltados a conhecer a estrutura formal de um poema, pois, nos dias atuais, o ser humano necessita de muito mais que isso, pois a sociedade exige que ele seja capaz de formular discussões e compreensões sobre o meio social.

### **3.2 Onde está a minha voz?: o poema enquanto condutor da subjetividade**

O acesso à leitura de poemas deve ser iniciado desde a primeira infância e conduzido através dos anos, para que aquilo que foi iniciado nas primeiras fases da vida escolar não se perca e o aluno mantenha o gosto pela leitura e desenvolva o hábito real e significativo de ler poemas. Desse modo, a escritora Maryanne Wolf (2019) destaca em seu livro, *O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era*, sobre a necessidade de serem desenvolvidas práticas de ensino de leitura para crianças nas primeiras séries do fundamental, pois essa iniciação formará jovens que se interessem significativamente por romances e poemas. Porém é necessário estabelecer limites quando o assunto é incentivar futuros leitores, pois se conduzidos de maneira equivocada pode causar o efeito contrário e afastar os alunos. Quando se trata de estímulos literários, tudo deve ser feito com bastante cuidado e respeito. Referente a isso, Wolf (2019) comenta que:

[...] a sociedade precisa investir em programas mais abrangentes para a primeira infância, com profissionais mais altamente qualificados, antes que as primeiras grandes lacunas na linguagem e

no conhecimento se tornem permanentemente consolidadas na vida de milhões de crianças. (WOLF, 2019, p. 178)

Apesar de nesse trecho a autora destacar apenas a primeira infância, é de grande valia que os programas abarquem os discentes do Ensino Fundamental-Anos Finais, pois alguns chegam aos últimos anos sem ter tido o contato mínimo com textos multifacetados, evidenciando, assim, o déficit na formação inicial e o baixo fomento à leitura nas séries do Fundamental I e II do Brasil.

A compreensão de que ensinar é somente repassar informações de maneira sistemática foi, por muito tempo, vista como correta e abraçada por uma grande parcela de educadores. Essa visão fez com que o docente fosse visto como o único indivíduo detentor do saber e capacitado para repassar informações. Sendo assim, muitas vezes os conteúdos trabalhados em sala são expostos de maneira formal e deixam de lado a voz do aluno.

Essa compreensão errônea segue a linha prática do <sup>4</sup>formalismo russo que, apesar de ter elevado os estudos da literatura à categoria de ciência e ter desenvolvido análises e teorias aprofundadas e detalhadas sobre o trabalho de linguagem literária, buscava focar apenas em uma interpretação imanente do texto, deixando um pouco ou quase nenhum espaço para o desenvolvimento crítico do aluno. A ideia de se estudar apenas o texto estruturalmente já não se aplica aos leitores atuais. Sobre isso Rouxel (2012, p. 03) comenta que “[...] ao formalismo proveniente da análise estrutural claramente prescrito pelas instruções oficiais e programas de fins dos anos de 1980, as práticas escolares de leitura deixaram pouco espaço à subjetividade do leitor”. O enraizamento dos ideais formalistas se perpetuou até hoje nas escolas e na mentalidade de alguns professores que insistem em manter uma abordagem pouco funcional para a atualidade, negligenciando o acesso dos alunos a uma experiência íntima com as leituras.

Entretanto, em termos ideais e teóricos, essa concepção foi desbancada e substituída pela ideia do docente e do discente compartilhando informações e fazendo o processo de aprendizagem algo mútuo, coletivo e prazeroso, colocando em pauta a visão do aluno perante as discussões desenvolvendo habilidades cognitivas distintas e de grande valia para o aprendiz. A poesia é necessária na

---

<sup>4</sup> A permanência nessa estrutura de ensino acarreta práticas que deixam de lado a interpretação dos livros e focalizam a atenção na análise gramatical. Portanto, essa forma de analisar não apresenta valor sentimental e não desenvolve hábitos leitores.

formação educacional, pois tem a capacidade de articular o ensino com os saberes externos e os diálogos entre o “eu” e o “outro”. Debus (2018) dialoga com Volóchinov (2013) e afirma que:

Pensar a poesia é pensar pelas fronteiras eu-outro (na e pela interação), é pensar pelas fronteiras entre o mundo sensível e o inteligível, é, pois, não isolar a literatura de todos os laços históricos, sociais e ideológicos que a constitui. A palavra na poesia (enunciado da arte), discorre Volóchinov (2013), necessita ser posta em diálogo com o discurso cotidiano comum. (VOLOCHÍNOV, 2013, p.77 *apud* DEBUS, 2018, p. 09)

O social é fator delimitador em grande parte das relações do mundo e é incluído em variadas atuações se relacionando com diferentes áreas de abordagem. Sendo assim, a poesia e o discurso social do cotidiano também se relacionam e favorecem as práticas discursivas e de leitura. Portanto, é fundamental dar espaço às leituras informais feitas pelos alunos, enfoque e voz a esses textos, deixando de lado a leitura obrigatória e monótona exigida e cobrada por alguns educadores. Em diálogo com isso, Rouxel (2012) expõe os dilemas existentes entre a leitura escolar e a leitura pessoal e a maneira como ambas são vistas e internalizadas pelos alunos em sala de aula, em seu texto ela afirma que:

A leitura analítica, lenta, que se interessa pelo detalhe do texto, é, muito raramente – exceto para os especialistas – uma modalidade de leitura para si. Ela é uma prática escolar, espaço de aprendizagem e de avaliação de saberes e competências, dentro do qual, com frequência, “o gesto de ler desaparece sob o ato de aprender”. (BARTHES, 1984, *apud* ROUXEL, 2012 p. 04)

A fim de proporcionar um melhor entendimento sobre os tipos de leitura, Rouxel (2012) destaca que existem dois tipos distintos, são elas: as leituras cursivas e analíticas. Por meio das duas é possível formar críticas, gerar análises e proporcionar um espaço para a criatividade, assim como conseguem desenvolver o pensamento crítico e a questionar o social. A estudiosa critica o afastamento delas ou exclusão de uma ou outra no processo de formação intelectual, pois as duas quando aplicadas juntas no ensino agem como importantes fatores na formação leitora. Portanto, quando se quer fazer uso de poemas em sala de aula e conduzir uma maneira diferente de realizar análises, é necessário unir as práticas de leitura e trabalhar em conjunto o particular (individual) e o social (coletivo).

O estudo do poema e da linguagem poética são conteúdos escolares, porém o seu uso como material de discussão nas aulas é pouco visto nas escolas pois os professores acabam optando por apresentar os grandes romances da literatura brasileira de forma breve e superficial, esse gênero literário é visto como difícil de ser compreendido, pois exige do professor um entendimento sobre coisas do mundo e uma certa delicadeza para conduzir discussões de forma coerente. Essa maneira de exposição enquadra o aluno em uma estrutura de análise padronizada, que limita a criatividade e olhar interpretativo sobre o texto.

Através da leitura cursiva, despretensiosa e completamente fora do contexto informativo, referenciando Petit (2013, p.01), “[...] pode ajudar as pessoas a se descobrirem, a se tornarem um pouco mais autoras de suas vidas, sujeitos de seus destinos, mesmo quando se encontram em contextos sociais desfavorecidos”. A poesia é também uma forma de refúgio no mundo e de se constituir como indivíduo leitor que busca a literatura como meio de suavizar suas emoções com a beleza e sutileza presentes na poética. Compreender a necessidade de se trabalhar a expressão da subjetividade em sala de aula é de grande importância para o desenvolvimento de uma boa agnição da realidade e do papel da literatura, assim como um auxílio para a formação de indivíduos sensíveis e cientes de sua importância particular na sociedade.

Foi por meio de atividades realizadas durante o período de graduação que se desenvolveu o interesse em pesquisar a relação poema e colagem analógica que, em diálogo com a ideia de Petit (2013, p.03) que:

[...] a leitura continua sendo uma experiência insubstituível, em que o íntimo e o compartilhado estão ligados de modo indissolúvel, e de que o desejo de saber, a exigência poética, a necessidade de relatar e a necessidade de simbolizar nossa experiência constituem a especificidade humana.

Portanto, a implementação eficaz da leitura de poemas em sala de aula e a inclusão de didáticas de interpretação, por meio de colagens analógicas, dão sentido à vida. Diante disso, discutiremos sobre essa expressão artística e suas múltiplas possibilidades criativas.



### 3.3 Colagens analógicas e a inclusão do olhar criativo

Para iniciar as discussões sobre o uso de colagens analógicas em sala de aula, é necessário que primeiro destaquemos as problemáticas que rodeiam o mundo da arte e as questões que permeiam durante anos.

Diante disso, os seres humanos desenvolveram a necessidade de rotular tudo ao seu redor, há uma necessidade de etiquetar cada coisa e encaixá-la em seus respectivos lugares. Com a arte não é diferente, buscamos conceituá-la a todo custo e colocar cada obra em seu respectivo movimento e se algumas não se encaixam perfeitamente no que foi enquadrado gera discussões e debates acerca da busca pelo padrão estético. O escritor Jorge Coli (1981) comenta em seu livro *O que é arte?*:

Essa atitude pode ser pacificadora, mas não é satisfatória. Pois as obras são complexas, e é de sua natureza escapar às classificações; pois as classificações são complexas e nunca se reduzem a uma definição formal e lógica; pois a relação entre as obras e os conceitos classificatórios é, sobretudo, complexa. (COLI, 1981, p.29)

A arte é complexa e singular e foge de qualquer classificação que lhe seja colocada, é distinta e abrangente, pois está a cada ano abarcando diferentes produções artísticas. Arte é singular e ao mesmo tempo plural, tem a capacidade de agir de forma única e formar distintas concepções e ao mesmo tempo circundar numerosas artes e aplicá-las de formas diversas.

Em vista disso, as colagens analógicas se caracterizam como expressões artísticas que fazem uso de jornais e revistas para realização do processo de criação de uma obra e tiveram seu desenvolvimento em 1911 durante o final da primeira fase do cubismo. Luiz Renato Martins (2007) afirma que a colagem é “considerada como um dos achados mais relevantes da arte moderna e como um elemento central do cubismo.” Nessa condição, ela se torna objeto de interpretações variadas. A colagem tem a qualidade de com ela ser possível transformar e recriar algo, ela se apresenta de forma modificável e extremamente criativa, agindo como um jogo de quebra-cabeças no qual se procura montar um desenho. Fazer colagens analógicas é como esculpir no papel aquilo que está formado na mente, possibilidades que muitas vezes parecia impossível de serem desenvolvidas e materiais que quase nunca são usados juntos. Nas colagens as concepções de encaixe não se aplicam, tudo é possível e qualquer coisa pode se tornar material para sua confecção. As variadas possibilidades de materiais para a criação é o que

gera o divertimento e a leveza no processo criativo. Pó de café para envelhecer os recortes, tecidos para adicionar cor e textura, flores de plástico e adesivos são algumas das possibilidades de materiais que quando aplicados, cada um possibilita uma experiência visual e sensorial única e dão ainda mais valor às criações.

Há, além de tudo que foi mencionado, a praticidade de produção e a leveza de criar e fazer arte e o orgulho de desenvolver algo único e que carrega enorme valor sentimental a partir de um poema escolhido. Portanto, aplicar o uso de colagens analógicas como material para a realização de análises de poemas é algo possível e que tem retornos significativos. Essa abordagem foi aplicada com alunos universitários em uma oficina ministrada na XV Semana Universitária (SEUNI), do *Campus Avançado de Patu (CAP)*, e também foi aplicada na disciplina de Literatura Portuguesa III, a eles foram disponibilizados três poemas com temáticas e autores diferentes, cada um apresentava uma temática existencial social ao mesmo tempo. Solicitou-se que eles desenvolvessem análises através de colagens e após a feitura, comentassem o motivo de escolher aquelas imagens e a maneira como elas foram aplicadas, apesar de muitos terem optado por analisar o mesmo poema, nenhuma interpretação ficou igual. Todas foram únicas e transbordaram sentidos e criatividade, ao seu modo, cada uma contribuiu para um sentido ampliado do poema, como podemos ver na seção *Anexos* (p. 54).

As colagens analógicas são maneiras de se fazer arte no contemporâneo e, apesar de tão recente, já dominou as redes sociais e suas variadas possibilidades fazem com que seu uso seja visto em diversas áreas (na arquitetura, no ensino de arte, em propagandas etc.). Diante disso, evidencia-se a capacidade que o processo de criação de colagens analógicas tem em lapidar opiniões críticas e expressões artísticas, o aluno expressa aquilo que ele sente e coloca em forma de arte os sentidos que o poema repassou para ele. É esse o encontro do “eu” leitor na criação artística.

### **3.4 Os poemas de Manoel de Barros e suas possibilidades criativas: traduções poéticas por meio de colagens analógicas**

Apresentar poemas para adolescentes do 9º ano do Ensino Fundamental-Anos Finais é tarefa difícil e requer muita sabedoria do professor, pois cada um dos

alunos está imerso em sua própria realidade literária ou não desenvolveram interesse pela leitura e sentem receio em iniciar. Além disso, a leitura de poemas ainda sofre alguns preconceitos e é acompanhada por medos e inseguranças, ela acaba sendo vista como difícil de compreender e tratada como complexa demais para ser lida sem nenhum fim educacional. Ainda que através da poesia seja possível adentrar em diversas temáticas, há a visão de somente existir um tipo de poesias, as de amor, e isso afasta os jovens que não querem ser vistos como românticos, no sentido de senso comum, e sensíveis como sendo uma fraqueza.

Foi pensando nisso que destacamos três poemas, do poeta brasileiro Manoel de Barros, presentes no livro *Meu Quintal é Maior que o Mundo*. O escritor constrói sua escrita com elementos particulares do seu modo de ver o mundo, a sinestesia, riqueza de imagem e diferentes possibilidades de interpretação são uns dos motivos que levaram a escolha dos poemas desse autor como material de análise, cada uma das suas obras têm particularidades, jogos de palavras e ricas em imagens poéticas. É através dessas imagens que será possível construir as colagens analógicas e formar interpretações. Diante disso, o primeiro poema é:

### ***O apanhador de desperdícios***

*Uso a palavra para compor meus silêncios.  
Não gosto das palavras  
fatigadas de informar.  
Dou mais respeito  
às que vivem de barriga no chão  
tipo água pedra sapo.  
Entendo bem o sotaque das águas.  
Dou respeito às coisas desimportantes  
e aos seres desimportantes.  
Prezo insetos mais que aviões.  
Prezo a velocidade  
das tartarugas mais que a dos mísseis.  
Tenho em mim esse atraso de nascença.  
Eu fui aparelhado  
para gostar de passarinhos.  
Tenho abundância de ser feliz por isso.  
Meu quintal é maior do que o mundo.  
Sou um apanhador de desperdícios:  
Amo os restos  
como as boas moscas.  
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.  
Porque eu não sou da informática:  
eu sou da invencionática.  
Só uso a palavra para compor meus silêncios.*

No poema acima, o eu lírico apresenta uma rejeição às palavras que tem somente interesse em informar, sendo assim, uma possibilidade interpretativa desse poema é uma crítica a questão do excesso de informações. A todo instante, novas informações chegam e há sempre o desejo por mais, as manchetes estão cada vez mais curtas e sugestivas para atrair a atenção dos leitores que não despertam interesse por textos muito longos e a constante criação de *fake news* enfatiza ainda mais a pobreza informativa, no que diz respeito a informações que sejam substanciais ao intelecto, da geração atual. O eu lírico diz no poema: “*Porque eu não sou da informática:/ eu sou da invencionática.*” Os versos destacados enfatizam a crítica feita a informática e ausência de sensação, assim como ao automatismo do dia a dia. Há também uma crítica ao esvaziamento no âmbito existencial, assim como a hiper exposição às informações, o autor faz uso de neologismo e isso se torna fundamental para entender seu trabalho poético.

Há um esvaziamento de sentidos ocasionados pela referencialidade instrumental. O verso “*Dou respeito às coisas desimportantes/e aos seres desimportantes.*” se torna fundamental para vida quando se compreende que a desimportância faz parte da existência e é necessária. Diante disso, a colagem analógica a seguir apresenta a imagem de uma jovem varrendo o mundo das palavras que só tem a necessidade de informar, palavras essas carregadas de responsabilidades e pesadas. Em conjunto, destacamos os pássaros carregando em seus bicos palavras leves e despreziosas, recolocando a leveza de volta ao mundo.



Colagem analógica do poema: *O apanhador de desperdícios*.

Sendo assim, levar essa temática para jovens que nasceram na era digital é criar a possibilidade de serem desenvolvidos valiosos debates sobre suas próprias condutas e a respeito da maneira como a sociedade lida com as informações. Pois, segundo Wolf (2019, p.10-11), “Em nossa transição quase completa para uma cultura digital, estamos passando por mudanças que nunca imaginamos que seriam consequências colaterais da maior exploração de criatividade, inventividade e descoberta em nossa história.” A passagem de uma cultura e formação letrada para o meio digital abre horizontes e tem a capacidade de possibilitar mudanças de pensamentos e ideais formativos. Por meio das figuras que foram colocadas no poema, a criação de colagens analógicas se torna muito mais interessante, pois faz com que se reflita sobre a escolha e sobre como cada um tocou o aluno.

O escritor Manoel de Barros recheia suas obras com animais e elementos da natureza, como se a cada palavra escolhida o escritor colocasse um pedaço do Pantanal que é a sua terra natal. O próximo poema selecionado é constituído por vislumbres da natureza e que desperta o poder imaginativo e possibilita a viagem para o ambiente que foi exposto.

### ***Prefácio***

*Assim é que elas foram feitas (todas as coisas) —  
sem nome.  
Depois é que veio a harpa e a fêmea em pé.  
Insetos errados de cor caíam no mar.  
A voz se estendeu na direção da boca.  
Caranguejos apertavam mangues.  
Vendo que havia na terra  
Dependimentos demais  
E tarefas muitas —  
Os homens começaram a roer unhas.  
Ficou certo pois não  
Que as moscas iriam iluminar  
O silêncio das coisas anônimas.  
Porém, vendo o Homem  
Que as moscas não davam conta de iluminar o  
Silêncio das coisas anônimas —  
Passaram essa tarefa para os poetas.*

O eu lírico apresenta a origem da humanidade e das coisas e as relaciona, acreditando que somos originados da mesma fonte de criação, evidenciando a questão de quem legislou e deu o nome à coisa. Para enfatizar isso, cria-se uma realidade na qual a natureza e o ser humano se misturam com o real e o irreal, são desenvolvidas situações imagéticas que conduzem o leitor para o momento em questão e possibilita que ele se imagine no ambiente criado. No poema acima, há uma ênfase na sobrecarga de tarefas e obrigações que conduz o homem a estar sempre sobrecarregado de coisas para fazer e essas pendências nunca acabam. A intensa demanda profissional e responsável acarreta crises de inutilidades, pois a sociedade atual conduz a acreditar que se deve estar sempre ocupado e que o dia só será produtivo se não sobrar espaço para descansar.

O eu lírico diz que para dar cor às coisas escuras “*Passaram essa tarefa para os poetas.*” Neste verso o eu lírico dá ao poeta a capacidade de nomear e traduzir com palavras o intraduzível, aquilo que se mantém fechado no íntimo do ser. É também a percepção e visão incomum que o poeta possui, pois ele vê de uma outra maneira (sutil/ sensível/ criativa) as coisas cotidianas que passam despercebidas para muitos.

O poema faz uma crítica ao apoio e à idealização da sociedade do cansaço e enfatiza o aparecimento de transtornos ansiosos advindos da necessidade de fazer tudo rápido e bem feito, portanto, torna-se interessante levar essas questões para sala de aula e observar a maneira como as expressões sobre essa temática irão se desenvolver. Para representar essa possibilidade interpretativa a colagem analógica a seguir apresenta a tradução da origem do mundo, destacando a escuridão e o silenciamento das coisas sem nome e no centro a passagem para o universo colorido, as cores e as flores são como a liberdade e a conquista daqueles que viviam à margem do silenciamento e apagamento. Essa ponte que liga dois extremos é a natureza e toda a sua plenitude, uma maneira de incluir na colagem a paixão que o poeta tinha pelo Pantanal e pela fauna e flora.



Colagem analógica do poema: *Prefácio*

É interessante que percebam que, através dos poemas e dos poetas, as coisas e as dores que antes eram despercebidas e sem representação, se tornam vistas. Para concluir este tópico temos o poema:

### ***Os deslimites da palavra***

*Ando muito completo de vazios.  
Meu órgão de morrer me predomina.  
Estou sem eternidades.  
Não posso mais saber quando amanheço ontem.  
Está rengo de mim o amanhecer.  
Ouço o tamanho oblíquo de uma folha.  
Atrás do ocaso fervem os insetos.  
Enfie o que pude dentro de um grilo o meu destino.  
Essas coisas me mudam para cisco.  
A minha independência tem algemas*

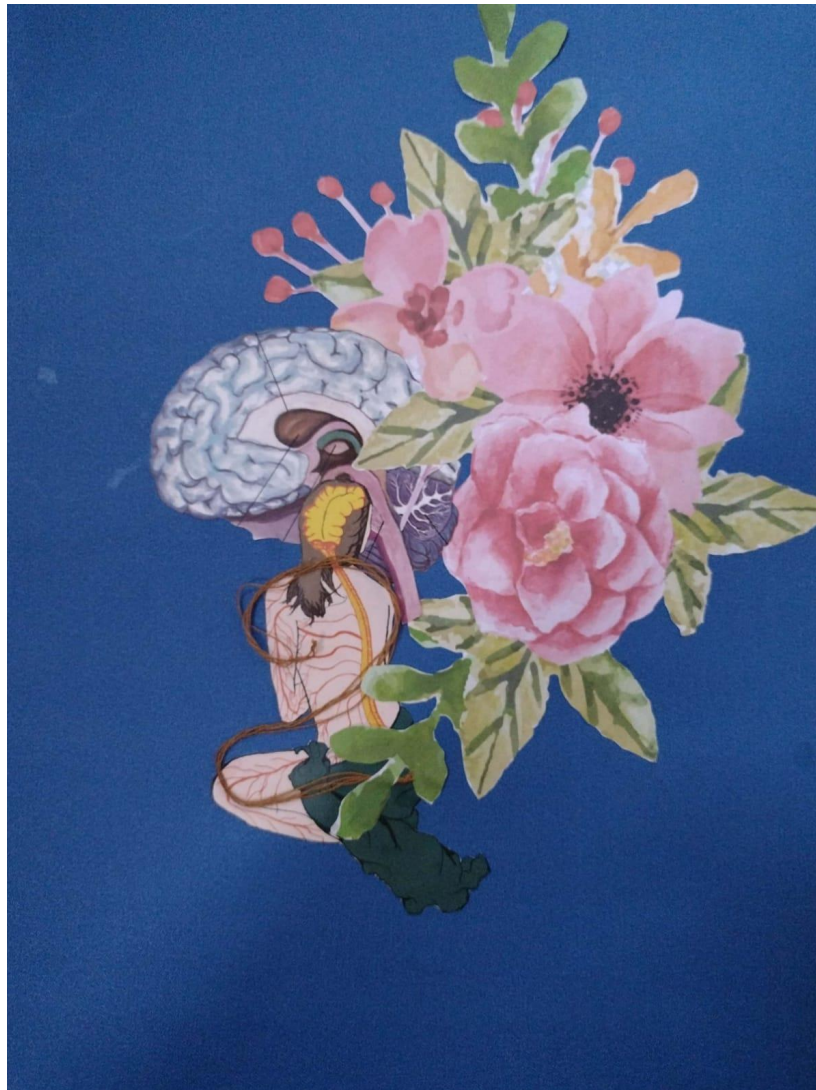
O poema acima trabalha com a ideia central de que na escrita não se pode impor limites e nem delimitar uma ordem lógica, pois as palavras são ilimitadas e detêm grande valor subjetivo, sendo assim é por meio delas que se torna possível desenvolver interações e expressar angústias e medos. A respeito disso, o autor realiza um jogo de palavras em que uma se opõe a outra, mas juntas em um contexto conseguem dizer exatamente aquilo que o eu poético queria retratar e instiga o leitor a procurar uma forma de compreender a escrita e se encontrar nela.

O eu lírico se encontra preso a acontecimentos passados e tristezas nascidas de decepções, “*Não posso mais saber quando amanheço ontem./Está rengo de mim o amanhecer.*” O eu lírico valoriza o menor, por isso quer se reduzir a “cisco” expondo a pequenez dos seres humanos a constante preocupação com o futuro, ainda que não tenha superado o passado. “*A minha independência tem algemas*”, ser livre e ao mesmo tempo preso, fadado a permanecer estático em uma realidade que já não pertence mais. O autor brinca com as palavras colocando em um mesmo verso palavras opostas que embaralham os sentidos e possibilitam a formação de outras sensações ou um misto delas.

Para enfatizar essa possibilidade de tradução a colagem analógica a seguir traz a representação do ser humano amarrado em linhas que simbolizam as correntes que limitam a liberdade e prendem a acontecimentos do passado que continuam sendo revividos. O cérebro aparece como o “órgão de morrer”, pois dele



surgem os pensamentos ruins e as lembranças traumáticas, porém a imagem das flores atuam como a esperança e a possibilidade de ser livre.



Colagem analógica do poema: *Os deslimites da palavra*

Os três poemas são carregados de subjetividade e através da leitura se torna possível desenvolver colagens analógicas que expressem aquilo que o estudante sentiu ao ler, o poder sentimental presente na escrita de Manoel de Barros desperta possibilidades de variadas criações e sensações. É importante frisar que é difícil elaborar com palavras o que o poema diz e como ele diz, portanto a colagem, as imagens e a tradução intersemiótica proporcionam a sintetização de ideias que não conseguem ser compreendidas com palavras. A autora Genilda Azerêdo (2017) traduz de maneira eficaz as traduções intersemióticas, ela diz que: “tradução interartes, consiste na transposição de um sistema de signos para outro.

Trata-se de um movimento e processo que paradoxalmente faz equivaler significados através de um sistema sígnico diferente.”

Como maneira de exemplificar como poderiam ser feitas as colagens, foram desenvolvidas três possibilidades de criações, realizadas a partir da compreensão e tradução dos poemas de Manoel de Barros. As colagens estão expostas no texto como possíveis traduções intersemióticas dos respectivos poemas para que sirvam de exemplificação na proposta de abordagem do poema em sala de aula no 9º ano.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este trabalho, constatou-se a necessidade de abordar a relação poema e colagem analógica e a maneira como ela influencia no desenvolvimento cognitivo e estimula o pensamento criativo e o interesse por ler poemas. A partir de buscas para aporte teórico, notou-se uma carência de pesquisas que abordem essa linha de análise, evidenciando a necessidade de continuar pesquisando sobre essa temática.

Diante disso, esta pesquisa teve por objetivo central analisar alternativas que incentivam e desenvolvem o processo de lapidação de leitores na escola e constatou-se que o objetivo foi alcançado, pois, no decorrer do trabalho, analisa-se a maneira como as colagens e a leitura de poemas estimulam a leitura cursiva e conduzem para uma melhor experiência cognitiva e prática. A partir disso, constatou-se também que a intenção de compreender o ensino de literatura a partir da expressão artística e relatar sobre o uso de poemas e colagens analógicas como fonte de estudos em aulas foi alcançada, assim como a intenção de apresentar uma alternativa de ensinar literatura, fazendo uso de poemas e colagens analógicas como meio de incentivar a criatividade e interpretação e expor os benefícios de instigar os alunos a não buscarem a leitura de poemas apenas para fins educacionais.

No decorrer da pesquisa, destacou-se a necessidade de uma melhor implementação das políticas públicas de ensino para que sejam capazes de proporcionar ao professor a realização de atividades que consigam suprir a carência formativa e conduzam para que aulas com poemas sejam voltadas às leituras e práticas. Compreende-se também que as habilidades e competências debatidas pela BNCC são, em tese, muito inclusivas e abrangentes, mas na prática não apresentam maneira fácil e eficaz de aplicação. Pois, é o professor quem determina aquilo que vai ser trabalhado em sala e se ele não possui segurança para conduzir uma aula de leitura e análises de poemas não levará para sala de aula.

Além disso, a discussão feita com os poemas de Manoel de Barros proporcionou a criação de possibilidades artísticas e variadas interpretações, destacando a lapidação de um olhar multissemiótico e descentralizado sobre as obras. Um olhar que leva em consideração os sentidos e as emoções e se preocupa

em demonstrar essa visão. Diante disso, esta pesquisa partiu do interesse em estudar as diferentes possibilidades de leitura e interpretação e a maneira como as colagens analógicas traduzem os sentidos sem precisar de verbalização, usando apenas imagens, símbolos e maneiras criativas.

Sendo assim, esta pesquisa contribui para os estudos literários e artísticos através da exposição de ideias correlacionadas sobre o uso de poemas e colagens analógicas em sala de aula. Além de ser, uma novidade teórica e necessitar de aprofundamento e continuidade da pesquisa.

## 5 REFERÊNCIAS

AZERÊDO, Genilda et al. **Tradução Intersemiótica**/ 2017-09-27. Disponível em:<V. 4 N. 1 (2017): RESUMOS DO IV ENCONTRO NACIONAL CULTURA E TRADUÇÃO (ENCULT)>. Acesso em: 09 de setembro de 2022

BARROS, Manoel de, 1916-2014 **Meu quintal é maior do que o mundo** [recurso eletrônico] / Manoel de Barros ; 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2015.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ensino Médio. Ministério da Educação. 2018.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**/ Antoine Compagnon; tradução Cleonice Paes Barreto Mourão. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**/ Rildo Cosson- 1. ed., 1ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2021. 224 p.

DEBUS, Eliane *et al.* **Poesia (cabe) na escola**: por uma educação poética. Campina Grande-Pb: Edufcg, 2018. 208 p.

IPIRANGA, Sara. **O papel da literatura na BNCC: Ensino, leitor, leitura e escola**/ Rev. de Letras - no. 38 - vol. (1) - jan./jun. - 2019.

MARTINS, Luiz Renato. **Colagem: investigações em torno de uma técnica moderna**/ Luiz Renato Martins, ARS (São Paulo) 5 (10), 2007. Disponível em:<<https://doi.org/10.1590/S1678-53202007000200006>>. Acesso em: 30 de Agosto de 2022.

PINHEIRO, Hélder, 1959- **Poesia na sala de aula**/ Hélder Pinheiro. 1. ed.- São Paulo: Parábola, 2018.

PETIT, Michèle. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**/ Michèle Petit; tradução de Celina Olga de Souza. - São Paulo: Editora 34, 2013 (1ª edição).

ROCHA, Gilmar. **O circo no Brasil- Estado da Arte**/BIB, São Paulo, nº 70, 2º semestre de 2010, p. 51-70. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/344/330>, Acesso em: 01 de Setembro de 2022.

ROUXEL, Annie. **Práticas de Leitura: Quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor?**/272 Cadernos de pesquisa V.42 N.145 P.272-283 Jan./Abr. 2012.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era**/ Maryanne Wolf; tradução Rodolfo Ilari, Mayumi Ilari. - São Paulo: Contexto, 2019.

# ANEXOS



Anexo 1: Colagem realizada em oficina de leitura de poemas





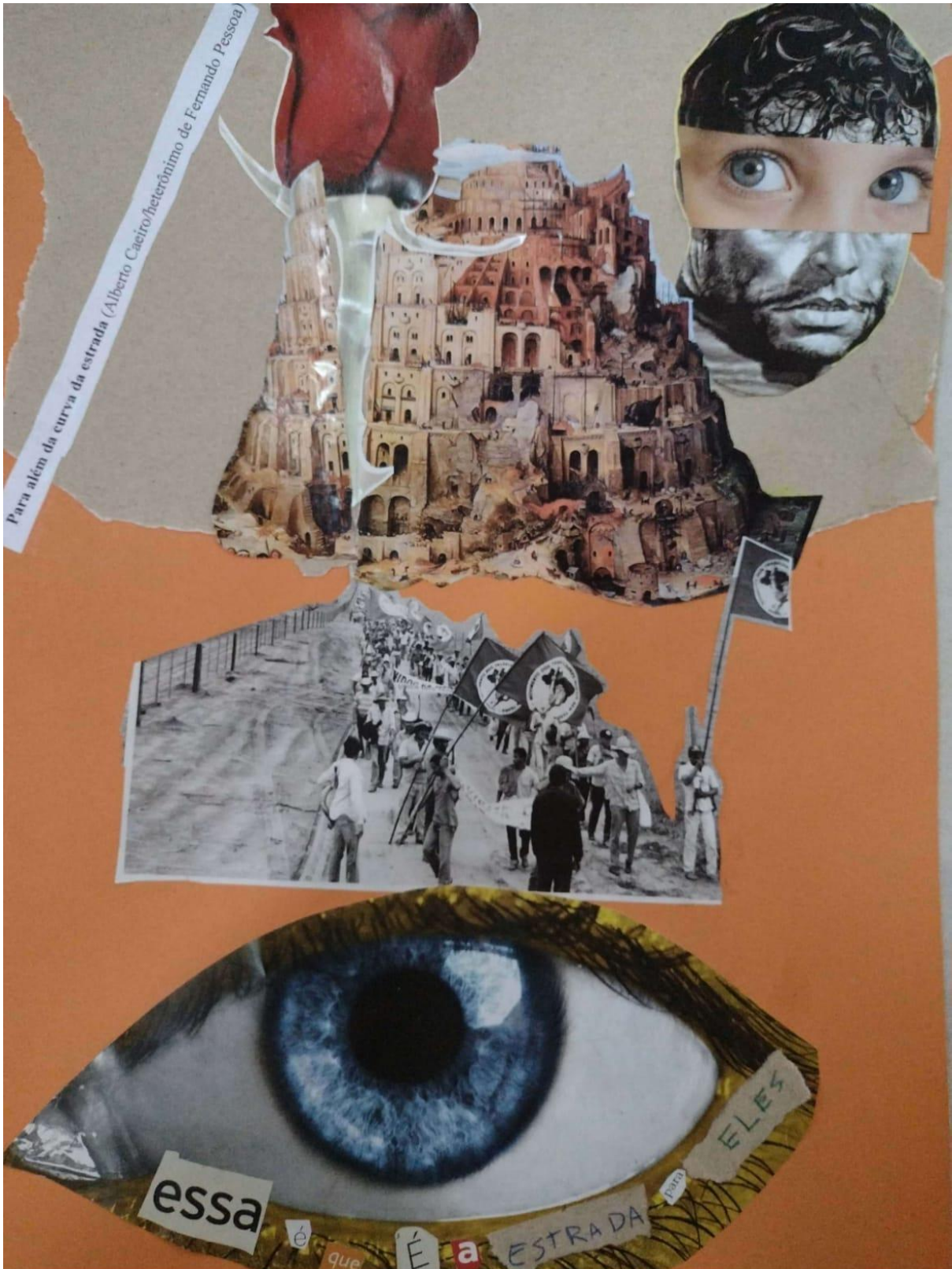
Anexo 2: Colagem realizada em oficina de leitura de poemas



Anexo 3: Colagem realizada em oficina de leitura de poemas



Anexo 4: Colagem realizada em oficina de leitura de poemas



Anexo 5: Colagem realizada em oficina de leitura de poemas



Anexo 6: Colagem realizada em oficina de leitura de poemas



Anexo 7: Colagem realizada em oficina de leitura de poemas



**Anexo 8:** Colagem analogica realizada na disciplina de Literatura Portuguesa III



Anexo 9: Colagem analógica realizada na disciplina de Literatura Portuguesa II